

O ENVELHECIMENTO CONTEMPORÂNEO NO CINEMA: CORPO, SEXUALIDADE E COTIDIANO

Aline Ângela Victoria Ribeiro¹
Monique Borba Cerqueira²

Resumo. Na contemporaneidade ocorre uma proliferação de discursos sobre a velhice, compreendida como problema social e associada a perdas funcionais, ou definida como melhor idade e etapa propícia para vivenciar situações de lazer. Porém, ainda há a desigualdade, o preconceito e o isolamento sofridos pelos sujeitos mais velhos. Nesse contexto, surgem novas representações e sentidos do envelhecer, acompanhados da crescente visibilidade desse segmento nas mídias, entre elas, o cinema. Entretanto, o envelhecimento é, muitas vezes, retratado de forma superficial e previsível. O filme *Nuvem Nove* expressa um diferencial ao abordar a sexualidade, o amor e o cotidiano na velhice, além de mostrar nus de pessoas com mais de sessenta anos de forma direta e natural, sem utilizar os artifícios habitualmente adotados para retratar o corpo ao envelhecer. Através de uma breve análise da obra cinematográfica, buscamos examinar os modos pelos quais a velhice é retratada no filme e em nossa sociedade.

Palavras-chave: Envelhecimento contemporâneo. Cinema. Cotidiano. Corpo. Sexualidade.

1 Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Estagiária em Ciências Sociais no Instituto de Saúde, São Paulo. *E-mail:* <aline.avribeiro@gmail.com>.

2 Pós-Doutoranda em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC São Paulo) e pesquisadora do Instituto de Saúde, São Paulo. *E-mail:* <moniqueb@terra.com.br>.

THE CONTEMPORARY AGING IN CINEMA: BODY, SEXUALITY AND QUOTIDIAN LIFE

Abstract. In the contemporaneity there is a proliferation of speeches about old age, either understood as a social problem and associated to functional impairments or defined as the best age and, therefore, an appropriated time to enjoy leisure time. Furthermore, old people are still susceptible to inequality, prejudice and social isolation. In this context, new meanings and representations of aging appear, followed by a growing visibility of this age group on media, including cinema. However, the aging process is quite often portrayed superficially and in a predictable way. The movie *Cloud Nine* demonstrates a different point of view by approaching sexuality, love and daily life in old age; it shows nude of people with more than sixty years through a direct and natural way, in other words, without the artifices usually adopted to portray the aging body. Through a brief analysis of the cinematographic work, we aim to examine the ways by which the elderly are presented in the movie and in our society.

Keywords: Contemporary aging. Cinema. Quotidian life. Body. Sexuality.

EL ENVEJECIMIENTO CONTEMPORANEO EN EL CINE: CUERPO, SEXUALIDAD Y COTIDIAN

Resumen. En la contemporaneidad ocurre una proliferación de discursos sobre la vejez, comprendida como problema social y asociada a pérdidas funcionales o definidas como mejor edad e etapa propicia para vivir situaciones de lazer. No obstante, todavía hay desigualdad, preconceptos y el asilamiento sufrido por los sujetos más viejos. En este contexto

surgen nuevas representaciones y sentidos de envejecer, acompañados de la creciente visibilidad de este segmento en los medios de comunicación, en estos el cine. Sin embargo, el envejecimiento es muchas veces retratado de forma superficial y previsible. La película *Nuven Nove* expresa un diferencial al abordar la sexualidad, el amor y el cotidiano en la vejez. Además de mostrar nudismo de personas con más de sesenta años de forma directa y natural, sin utilizar los artificios habitualmente adoptados para retratar el cuerpo al envejecer. A través de un breve análisis de la obra cinematográfica buscamos examinar los modos por el cual la vejez es retratada en la película en nuestra sociedad.

Palabras clave: Envejecimiento contemporáneo. Cine. Cotidiano. Corpo. Sexualidad.

1 INTRODUÇÃO

O cinema é um importante objeto de estudo no campo das Ciências Sociais. Considerando que as imagens são representações do real, construídas e ressignificadas, e que a relação entre filme e sociedade é dialógica, o cinema constitui “[...] parte irreduzível do social, constituindo uma dimensão pela qual os homens constroem a percepção de si mesmos e do mundo” (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 56). Dessa ótica, o filme é significado a partir de um duplo movimento, através dos olhares que o constroem e dos que o interpretam. Assim, é importante considerar tanto a estrutura narrativa do filme e seus aspectos técnicos, como o enquadramento, sua recepção pelo público e repercussão social. A compreensão dessas imagens e sua relação com a sociedade só é possível

se levarmos em consideração o contexto social, histórico e político em que estão inseridas.

Nas últimas décadas, o modelo de velhice ativa e saudável adquiriu ampla visibilidade na mídia. O cinema tem retratado este movimento e torna-se cada vez mais comum a presença de velhos³ como protagonistas, representando papéis centrais nas grandes telas. Porém, na maior parte das situações, sua abordagem transita entre o cômico, caso de filmes como *Alguém tem que ceder* (2003) e *E se vivêssemos todos juntos?* (2011), ou o trágico, como no filme *Amor* (2012).

Este artigo pretende provocar uma reflexão sobre o longa metragem alemão *Nuvem Nove*⁴ (2008), a partir de referenciais antropológicos e sociológicos que interpelam os modos de envelhecer na contemporaneidade e sua relação com o corpo, a sexualidade e o cotidiano dos sujeitos.

As representações sobre a velhice, neste filme, permitem uma investigação sobre como a sociedade contemporânea vem retratando o envelhecer e, em especial, a sexualidade e as relações amorosas

3 Optamos por utilizar o termo “velho” para nos dirigirmos aos sujeitos com mais de sessenta anos que vivenciam o processo de envelhecimento. Evitamos o uso do termo “terceira idade” que, como salienta Britto da Motta (1997), tem um caráter de eufemismo e exclusão ao vincular a essa denominação apenas aqueles idosos que são ativos, saudáveis e produtivos. O termo “velho” expressa, portanto, maior abrangência e universalidade ao tratarmos dessa categoria etária.

4 No Brasil, o filme foi lançado como *Nunca é tarde demais para amar*, porém o título original em alemão é *Wolke Neun*. A expressão deriva do termo em inglês “cloud nine”, que significa “estar nas nuvens”, ou seja, sentir-se muito feliz. O equivalente em português é a expressão “sétimo céu”, porém optamos por utilizar a tradução literal do título original, *Nuvem Nove*.

daqueles com mais de sessenta anos. Partimos do pressuposto de que um campo de constituição de sujeitos sociais veiculado pelo cinema pode informar os modelos socialmente partilhados por grupos e coletividades que envelhecem.

Tal cenário atribui visibilidade às relações sociais e aos valores emergentes quanto ao corpo e às relações amorosas, evidenciando novos comportamentos e modos de vida em disputa no cotidiano, marcado por tradição e valores moralmente cristalizados. O filme *Nuvem Nove* estimula uma reflexão em suas plateias ao mostrar a possibilidade de existência de formas alternativas e não hegemônicas de compreensão das representações dos modos de envelhecer.

2 ENVELHECIMENTO CONTEMPORÂNEO: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Nas últimas décadas, o envelhecimento vem gradativamente alcançando maior visibilidade na sociedade contemporânea. Compreendido como problema social, foi introduzido nas agendas governamentais e tornou-se item obrigatório de debate no espaço público. Para além da visão negativa que associa exclusivamente o envelhecimento a perdas e doenças, há cada vez mais discursos que definem essa fase da vida como aquela que proporcionaria novas oportunidades de realização, considerando-se a inserção dinâmica e ativa no meio social. Essas novas representações sobre a velhice estimulam a constituição de novos mercados de consumo voltados a esse público que abrangem, entre outras, as áreas do turismo, lazer, novas

tecnologias de rejuvenescimento, biomedicina e uma série de práticas voltadas para a saúde e a remodelagem corporal.

A valorização dos cuidados com a própria saúde é um ponto fundamental nesses discursos inscritos na política do envelhecimento ativo, que passa a representar um modelo para experimentar a velhice não apenas satisfatoriamente, mas também corretamente, conforme uma série de condutas pré-estabelecidas que visam à prevenção e ao reestabelecimento da saúde. A política do envelhecimento ativo, tal como concebida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), implica uma série de técnicas e práticas corporais que visam aumentar a produtividade na velhice e combater doenças ligadas ao envelhecimento, entre outros aspectos. Ou seja, trata-se de uma política que vem vocalizar a incorporação de novos hábitos e ressignificar comportamentos, tendo como pano de fundo uma reavaliação do que é envelhecer. No entanto, se por um lado, tal abordagem tem trazido benefícios para a população longeva, por outro lado requer uma reflexão quanto às suas consequências, evidenciadas na chamada reprivatização da velhice (DEBERT, 1997). Nesse sentido, o aumento progressivo dos discursos sobre o envelhecimento e, em especial, a ênfase quanto à prevenção e restauração da saúde na velhice ocorreram paralelamente à despolitização quanto ao sentido e aos processos de envelhecer. Assim, promover a saúde junto às populações idosas gerou também uma crescente responsabilização e pressão sobre os indivíduos para manutenção de sua saúde e de seu próprio corpo que, segundo os preceitos do envelhecimento ativo, deve ser preservado, nutri-

do e investido para permanecer o mais jovem e saudável possível, preservando níveis de sociabilidade e atividade (DEBERT, 1997). É assim que discursos plurais, mudanças de comportamento e readequações sociais imprimem sua marca no envelhecer, ostentando problemas e soluções, mas simultaneamente evidenciando que os temas relativos à velhice são foco e objeto de valor social, cultural e econômico numa trama de interesses e controvérsias.

A aventura contemporânea que se distingue pelas iniciativas de reinventar o novo, rever conflitos rumo à superação de obstáculos e padrões obsoletos, tem, hoje, nos debates sobre a velhice, um farto coquetel descritivo sobre quem são, o que pensam, quais as necessidades e como se comportam os velhos no atual cenário social. Um caleidoscópio de perspectivas, eventualmente complementares, mas também excludentes e irreconciliáveis, mostra que muitos são os discursos sobre o envelhecer e a velhice.

Seja como for, o protagonismo dos mais velhos e seu lugar social na realidade atual é um fato indiscutível, capaz de reformular, transformar e refundar bases morais, sociais e institucionais a partir da reflexão sobre a longevidade e os eixos etários que definem a vida humana no contexto mundial.

3 CORPO E SEXUALIDADE NA VELHICE

Especialistas inseriram, recentemente, a prática sexual como parte da política do envelhecimento ativo, indicando um processo de erotização da velhice

em contraponto ao “mito da velhice assexuada”, segundo o qual à medida em que a pessoa envelhece perde o desejo sexual e o interesse em sua prática (DEBERT; BRIGEIRO, 2012). Além disso, os gerontólogos realizam esforços para mostrar que a sexualidade não se resume apenas à penetração genital, defendendo novas formas de experimentar o sexo na velhice, que se apresenta como uma fase de maior liberdade sexual, especialmente para as mulheres, por não estarem mais presas às necessidades reprodutivas (DEBERT; BRIGEIRO, 2012).

O momento atual é palco de debates quanto às diferentes maneiras de experimentar uma vida afetiva e sexual prolongada (ALVES, 2011). No entanto, sexo e casamento variam segundo contextos sociais. Mulheres mais velhas que permanecem durante anos em relações estáveis e que legitimaram o sexo apenas no interior do casamento declaram não ter a união sustentada pelo encontro sexual, mas sim pela amizade, respeito e compromisso mútuo⁵ (ALVES, 2011). Nesse universo afetivo, a traição não apenas é motivo de fracasso no casamento, como também de separação do casal. Esse contexto aponta para o enredo do filme *Nuvem Nove* e o drama vivido por seus protagonistas. Do ponto de vista da vida partilhada em sociedade por casais mais velhos, é grande a expectativa de se manter um casamento anos a fio, modelo que vem dando lugar, há algumas décadas, a um padrão de seguidos enlances afetivos e separações ao longo da vida.

⁵ Pesquisa de pós-doutorado realizada no IMS/UERJ (o grupo de mulheres citado corresponde ao de nascidas entre 1937 e 1945).

É certo que em tempos recentes a ênfase em explorar o próprio corpo e a sexualidade está relacionada diretamente às noções de saúde e à chamada melhor idade. Nesse contexto, viver a sexualidade na velhice torna-se um indicador de qualidade de vida. No entanto, segundo Debert e Brigeiro (2012), a inserção da vida sexual ativa na velhice, presente nos discursos especializados, não coloca em debate questões estéticas, como a beleza e a negação de imperfeições. Esse discurso não demonstra intenção de questionar os padrões estéticos ou desmitificar a imagem do corpo velho como visualmente agradável, saudável ou ainda registrar qualquer argumento contrário à rejeição dos corpos imperfeitos na sociedade.

No atual contexto em que a aparência se torna cada vez mais definidora de nossas identidades, as regulações sociais sobre o corpo fazem com que ele funcione como “agenciador das subjetividades contemporâneas” (NOVAES, 2011). A juventude, assim como a magreza, é compreendida como um valor, e o corpo torna-se um capital no qual todos devem investir através de práticas e técnicas que o transformem e melhorem continuamente para se adequar aos padrões estéticos e de saúde (NOVAES, 2011).

Nesse sentido, o corpo não deve ser compreendido apenas como parte do mundo material, mas também dotado de uma importante dimensão simbólica. Suas marcas carregam significados para além de seu aspecto físico, possuindo lugar central na relação entre natureza e cultura e sendo codificado e significado de modos diferentes pelas sociedades, de acordo com os seus valores. Portanto, o corpo nem sempre

carrega os mesmos signos, logo a sua compreensão e a relação que temos com ele não é universal (RODRIGUES, 2006).

Ao envelhecer, o corpo é marcado por sinais que denunciam a passagem do tempo e podem criar rejeição por seus traços, ao lembrar a nossa própria finitude e morte. Caso esteja em condições físicas e orgânicas adequadas, esse corpo é passível de transformações cujo empreendimento ocorre através de intervenções que permitem melhorar seu desempenho, observando a adequada correspondência aos padrões de juventude e saúde.

Além de não possuir um corpo inserido no padrão estético, os mais velhos podem estar associados a um padrão considerado improdutivo, por apresentar vulnerabilidades físicas ou apenas por ‘representar’ uma imagem corporalmente inapta à vida social. A disposição corporal de pessoas mais velhas e sua aparência podem passar ainda pela rejeição ou repulsa, considerando que a sociedade hoje é unânime quanto a sua preferência por um único grupo etário, a juventude. Tabus, preconceitos, desdém e agressividade são apenas algumas das características negativas que podem afetar o universo corporal que envolve o envelhecer. Observa-se, com frequência, que desqualificar o corpo e seus traços é mais um reflexo das apologias corporais contemporâneas.

Ou seja, para uma pessoa cujo corpo é dissonante em relação à corporeidade canônica vigente, a cultura de massa acabaria por funcionar

como um elemento acentuador de angústia, causada, em tese, pelo sentimento de não assemelhamen-
to físico a referências corporais ti-
das como socialmente desejáveis
(FONTES, 2009, p. 76).

Diferir dos padrões corporais vigentes sempre ge-
rou rótulos imediatos e estranhamento representa-
do pelo suposto mal-estar e rejeição causados pelos
padrões dissonantes. Nesse sentido, pode-se afirmar
que a negação do corpo imperfeito encontra na velhi-
ce um de seus principais alvos.

4 *NUVEM NOVE* E OS NOVOS DESAFIOS DO ENVELHECER

Nuvem Nove narra a história de Inge, uma mulher
sexagenária, moradora de uma pequena cidade ale-
mã, que frequenta o coral, realiza as tarefas domésti-
cas, cuida do marido e, ocasionalmente, toma conta
das netas. Casada há mais de trinta anos com o sep-
tuagenário Werner, Inge é retratada como uma jovem
senhora ajustada à vida comunitária e às normas so-
ciais. Protagonista de um conflito entre a identidade
de mãe, esposa, dona de casa e as novas possibilida-
des abertas pelo despertar de uma paixão, as trans-
formações identitárias de Inge são deflagradas a par-
tir de seu envolvimento sexual e romântico com Karl,
personagem septuagenário, por quem se apaixona.

Escrito e dirigido por Andreas Dresen, esse longa
metragem representa um contraponto à filmografia re-
cente, por se tratar do único filme lançado nos últimos

anos sobre a experiência, os modos de vida e as relações sociais na velhice, que apresenta cenas de sexo cujo nu de pessoas com mais de sessenta anos é revelado de forma direta e natural, sem a censura e os artifícios habitualmente adotados para mostrar o corpo daqueles que envelhecem. As imagens não ocultam a realidade do corpo senil nem adotam ângulos ou artifícios que favoreçam as tradicionais construções apaziguadas, dóceis ou infantilizadas da velhice. Nessa perspectiva, o filme mostra o ato sexual, normalmente velado ou inexistente nas mídias, de um modo singular, tornando visíveis carícias, beijos na boca e outras manifestações de afeto sem a censura e o pudor usuais.

O filme evidencia a ideia de que o envolvimento amoroso, o afeto e o desejo ocorrem e podem ser vividos em qualquer idade, não estando necessariamente vinculados a um modelo de corpo, subjetividade ou performance. Além disso, expressa a possibilidade de uma relação de autonomia entre sujeitos que envelhecem e sua capacidade de recriar a própria afetividade, indicando o quanto desejo e amor podem se tornar ferramentas políticas no questionamento da norma socialmente vigente.

No contexto atual em que as mudanças de comportamento estão na ordem do dia, juntamente com padrões sociais que ainda não foram ultrapassados, *Nuvem Nove* demonstra uma realidade que transita da proibição social para o lugar de novas práticas cotidianas, como assinala o diretor do filme:

[...] para pessoas na faixa dos sessenta anos essas histórias são bem

comuns, e elas ocorrem todo dia pelo mundo inteiro. [...] Antes de filmar *Nuvem Nove*, nós realizamos diversas pesquisas e eu conversei com muitas pessoas idosas que me contaram sobre suas vidas e sua sexualidade, como isso era parte de suas vidas cotidianas. Mais tarde, porém, quando o filme estreou, muitas pessoas pregaram que nós havíamos quebrado um tabu. Eu disse sobre isso que é um tabu apenas em nossas cabeças, porque o sexo acontece em todos os lugares, em qualquer momento, e pessoas mais velhas o fazem e elas também se apaixonam. Nós estávamos apenas mostrando uma parte de nosso mundo. E eu acredito que é isso que nós devemos fazer no cinema. Não há razão para ignorar isso. Só porque a mídia *mainstream* geralmente ignora esse tipo de histórias isso não significa que seja um tabu. O tabu está apenas em nossas mentes. [...] A única coisa que tentei fazer foi chamar nossa atenção para o fato de que nós precisamos pensar sobre partes de nossas vidas cotidianas que nós geralmente ignoramos. É por isso que eu acredito que a história em *Cloud 9* não é uma história extraordinária, é bem normal e simples, e nada de especial acontece durante o filme. É só uma parte crucial de nossa realidade que geralmente ignoramos (BACH; CONTY, 2013, tradução nossa).

O filme abre espaço para a existência de uma concepção complexa de velhice, composta por múltiplos modos de envelhecer e de viver em que a idade não é a única definidora da identidade ou da vida social daqueles que envelhecem. Ser velho é apenas um dos aspectos que compõem a subjetividade, constituída também por questões de gênero, classe social e etnia, além da trajetória pessoal e da experiência (MOTTA, 2000).

A problemática central de *Nuvem Nove* consiste em apresentar o conflito entre o desejo da mulher madura e a experiência da relação amorosa em oposição às forças sociais que regulamentam a identidade feminina, a velhice e o casamento, compreendido, em nossa sociedade, como um contrato instaurador de compromisso simbolicamente inviolável. Essa oposição se acirra, uma vez que o casal protagonista envelhece, permanecendo junto por longo período em um casamento que lhes permitiu criar os filhos e manter a família unida por mais de trinta anos. Nesse sentido, segundo os padrões instituídos socialmente, a senilidade não combina com o esgarçamento dos laços nupciais de longa duração. No entanto, é aí que tem lugar o desafio de Inge, mulher que aspira viver o amor a despeito das dificuldades, mantendo o respeito pelo marido, especialmente durante os momentos de aflição, angústia e solidão que envolvem a crise e dissolução do casamento.

5 NUDEZ NA VELHICE

Nos primeiros momentos do filme, a protagonista Inge — uma costureira que trabalha em casa — visi-

ta um cliente, Karl, para devolver uma calça que havia reparado a pedido dele. Porém, imediatamente, o espectador é surpreendido com um clima de desejo entre os dois, que resulta na aproximação erótica do casal. Ao fim do ato sexual, cujas cenas transbordam de realismo, Karl permanece nu por vários segundos em cena.

Tais circunstâncias, mostradas no início do filme, poderiam gerar o estranhamento do público, uma vez que a apresentação de cenas de nudez e sexo envolvendo pessoas mais velhas não são comuns no cinema *mainstream*. Segundo Sibilía (2012), essas imagens possuem pouca veiculação na mídia e, no geral, recebem tratamentos que visam disfarçar aspectos considerados problemáticos, como rugas e flacidez. Isso ocorre principalmente porque em nossa sociedade é considerado imoral expor e assumir o corpo dotado de sinais, bem como a velhice em si, por constituir uma oposição aos padrões estéticos predominantes.

Ao abordar o filme *Nvem Nove*, Sibilía (2012, p. 103) aponta a moral vigente como uma das geradoras da aversão social às imagens que retratam o corpo de sujeitos mais velhos ou ainda sua sexualidade:

Esse longa-metragem se tornou alvo de polêmicas e gerou muita discussão ao estreiar, em 2008. O motivo? Ter ousado expor, na tela grande do cinema, os corpos nus de uma mulher e dois homens, todos septuagenários, exercendo suas paixões carnavais num clássico triângulo amoroso.

Essas cenas provavelmente não seriam consideradas chocantes ou recebidas de forma negativa se os sujeitos retratados fossem jovens, ou ainda, inseridos nos padrões estéticos atuais. Nesse contexto, expor o corpo envelhecido sem retoques e retratar o sexo como algo espontâneo e cotidiano é algo que pode ser considerado surpreendente e singular por muitos. As imagens confessam ao público a existência desses corpos, despertando outras visões ou reflexões sobre eles.

Em *Nuvem Nove*, a nudez dos personagens ocorre em diversos momentos, refletindo situações cotidianas e comuns que são passíveis de ocorrer na vida de qualquer pessoa, em qualquer idade. Ao observarmos sob o olhar da câmera o ato de despir-se dos personagens, longe do encontro erótico/sexual, vemos um nu associado ao conforto e à cotidianidade, também explorado com naturalidade pelo diretor. Esse aspecto é evidenciado quando Werner, despido, enrola um cigarro na sala de casa, ou quando Karl e Inge conversam despreocupadamente nus após um banho de rio. Pode-se afirmar, por meio dessas e de outras passagens, que a nudez não é apresentada de um modo desprovido de sentido no filme.

Em outra passagem, Inge se observa nua no espelho e analisa sua imagem e fisionomia. Assim como quem se apaixona em qualquer idade, ela passa a refletir sobre si mesma, seu corpo e sua vida, a partir das transformações ocasionadas pelo seu envolvimento com Karl. Em outro momento, ela se masturba durante o banho, evidenciando uma relação de auto-descoberta, tanto de seu corpo quanto de sua sexu-

alidade. O ato de reconhecer-se, refletindo sobre si, fica claro numa passagem em que observa duas fotografias nas quais era jovem: uma em que está sozinha e outra em que aparece com seu marido. A busca da identidade que passa por uma metamorfose leva a reflexões sobre o casamento, onde presente e passado se entrelaçam para produzir o difícil momento presente.

A ação do filme, quando atravessada por contextos de nudez e sexo, expressa aspectos constituintes da vida dos indivíduos inseridos num cotidiano, ora trivial, ora rotineiro, mas também prazeroso e instaurador de equilíbrio social.

6 PARA ALÉM DA MORAL: NOVAS POSSIBILIDADES DE VIDA AO ENVELHECER

O processo de transformação vivenciado por Inge mostra como os acontecimentos transcorridos em um curto intervalo de tempo a tornam mais autônoma, menos alheia a si mesma, deixando uma condição de passividade para um posicionamento ativo e determinado.

Para além de temas como sexualidade e corpo na velhice, outra questão central é apresentada no filme: a influência da moral na vida de Inge. Ao longo de sua trajetória de mudança, fica evidente o conflito moral entre sua identidade e as convenções sociais que regulam sua vida. Nesse contexto, deve-se indagar qual o comportamento que a sociedade espera dos idosos, mais especificamente, de uma mulher mais velha que permaneceu casada durante décadas.

Em seu casamento, Inge está inserida em uma lógica social conservadora, típica de sua geração, na qual seu papel de esposa está associado à realização de tarefas domésticas, configurando uma parceria de fidelidade e companheirismo com o marido. Para demarcar a separação entre os dois mundos de Inge — o da ordem estabelecida no casamento e o da transformação com a presença de Karl — o diretor utiliza o recurso do enquadramento. Enquanto está com Werner ou em sua casa, as cenas mostram uma visão restrita. Podemos ver os personagens enquadrados em um ambiente fechado e delimitado pela câmera, muitas vezes através de portas abertas e frestas. Já nos momentos nos quais está com Karl ou andando sozinha pelas ruas, o enquadramento é amplo e vemos os personagens sem demarcações espaciais restritivas. Portanto, fica evidenciada uma analogia entre, por um lado, o confinamento espacial, a rotina e as amarras sociais, e por outro, a abertura espacial, as transformações e a liberdade.

O imaginário social que constrói as representações vigentes sobre a velhice determina quais são o lugar e o papel social das pessoas mais velhas, muitas vezes gerando estereótipos. Em relação à mulher, também fazem parte desta construção os discursos sobre feminilidade e sua condição de gênero. Resultado dessa dupla composição, pode-se afirmar que parte inerente da experiência de ser uma idosa na contemporaneidade implica em lidar com discursos que apontam para um sujeito passivo, submisso e assexuado (BELO, 2011).

Um modelo moral recai sobre os sujeitos que envelhecem, não apenas como salvaguarda das instituições

sociais, como o casamento, mas afetam e moldam comportamentos. A pressão moralizante na história de Inge vem, principalmente, através de Werner e Petra, sua filha, mas tem como principal inimiga ela própria, que passa a viver um drama interno terrível, pois ao mesmo tempo em que deseja se relacionar com Karl, encontra dificuldades em terminar seu casamento.

Conforme esse conflito se instaura, Inge aceita a inevitabilidade dos acontecimentos, uma vez que seu desejo por Karl aconteceu sem que ela esperasse. Tenta reestabelecer sua rotina e opera uma separação ente dois mundos, delimitando espaços diferentes para interagir com Karl e Werner.

Nesse momento, Petra se torna confidente da mãe e apoia seu envolvimento com Karl, afirmando que Werner nada deveria saber sobre o relacionamento. Após a quebra desse acordo com Inge, que se sente impossibilitada de viver uma vida dupla, Petra repreende a mãe, afirmando que ela está colocando a família em risco e que seu comportamento é estranho. A esta censura, Inge responde: “Se eu tinha algum sonho, desejos, ou seja lá o que for, isso nunca foi visto como uma possibilidade”. Ou seja, a metamorfose vivida por Inge passa a permitir, pela primeira vez em muito tempo, que ela possa explicitar e seguir seus desejos e vontades.

Ao revelar o seu envolvimento amoroso para Werner, ele acusa a esposa de ser ingênua e viver para o momento, comparando seu comportamento com o de uma garota: “Você está agindo como uma criança. Está ficando senil ou o quê?” Além disso, questiona: “Não tem vergonha, na sua idade?”

Do ponto de vista moral, o embate entre o casal deixa claro que os argumentos pejorativos de Werner, visando desqualificar o caráter e as ações de Inge, são o último recurso utilizado por ele no sentido de despertar a “razão” ou a “maturidade” da esposa. Assim, a estratégia de Werner é deixar claro que não tomará nenhuma atitude quanto ao ocorrido, deixando o destino do relacionamento sob inteira responsabilidade de Inge:

(Werner) – Estamos juntos por 30 anos! O que você acha que está fazendo? Você tem que decidir de uma vez. Você pensou no que está fazendo? Pare de se passar por uma criança idiota!

(Inge) – É isso o que estou dizendo. Por que me acusa de ser uma criança idiota? Apenas porque eu sinto alguma coisa diferente? Isso não é argumento.

(Werner) – Talvez não. Mas só está pensando em você.

(Inge) – Isso não é verdade. Acha que não sofro por você? Mas não posso mudar o fato que aconteceu. E tudo o que consegue fazer é me agredir. E qual a finalidade disso? Werner, diga-me.

(Werner) – Se um de nós pode mudar o que aconteceu é você, não eu.

Enquanto Werner mantém o discurso de que o comportamento da esposa não condiz com as ati-

tudes esperadas de uma jovem senhora, associando tais mudanças ao comportamento infantil, deixa implícita a ideia de que ela seria velha demais para romper com as amarras sociais do casamento e mudar sua vida, ou ainda para sentir desejo.

O desejo é o grande motivador da mudança de Inge, estratégia de resistência, e o impulso para se soltar das amarras sociais impostas pelo casamento. O filme cria, a partir de uma protagonista emblemática e plena de sonhos, um impulso em direção a novos caminhos e possibilidades que já se encontram inscritas no atual cenário de vida de algumas mulheres.

Mas as velhas também existem, e se destacam hoje, mas além da imagem tradicional de ranzinzas ou de doces vovozinhas, como mais dinâmicas, saudáveis, livres, sexuadas e criativas do que as de sua geração em épocas anteriores (MOTTA, 2011, p. 14).

Retratar o idoso como sujeito pleno de si em um contexto no qual envelhecer pode significar deixar de participar do mundo social, representa não apenas tirar os indivíduos que envelhecem da invisibilidade, mas recolocá-los na arena política dos desejos como senhores da própria vida.

7 MORTE E FINITUDE: O PESO DA RUPTURA MORAL

É nítido o quanto a transgressão moral, na grande maioria das vezes, gera punição e culpa sobre aquele que transgride. No caso de Inge, a consequência sofrida por infringir as normas impostas pelas convenções sociais é o sentimento de culpa pela morte de Werner. A causa de sua morte no final do filme não fica explicitada. A notícia da morte é dada por telefone pela filha Petra. Inge se desespera, dizendo “não desejei isso”, e em outro momento, “a culpa é minha”. A culpa que recai sobre Inge é implacável, produto de um construto sociomoral que se radicaliza pelo fato de os protagonistas não serem identificados como um jovem casal, mas por se tratar de um casal de velhos.

Finitude e senilidade são questões abordadas ao longo do filme, mostrando as pressões exercidas sobre os personagens pela passagem do tempo. Ao visitar o pai no asilo, Werner é bem direto: “Se eu terminar como o meu pai você pode me levar para a floresta e me dar um tiro de espingarda”. Werner demonstra inflexibilidade quanto às limitações e aos transtornos da velhice, o que significa a rejeição completa do fim do casamento e suas consequências implícitas, a solidão e o desmonte da estrutura familiar. Assim, para o personagem, o fim do relacionamento matrimonial na velhice passa a significar o final da sua própria vida. Werner é vítima do rigor moral numa direção semelhante àquela vivenciada por Inge, mas cujo foco de destruição o apanha sem que hajam escolhas possíveis para ele reconstruir a sua vida, restando-lhe apenas ser vítima dos mecanismos de captura de certa moralidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Nuvem Nove* apresenta um contraponto às relações sociais e afetivas estabelecidas entre as pessoas mais velhas, e quanto às mudanças de comportamento ocorridas com o sujeito contemporâneo que envelhece. Trata-se, por um lado, de retratar as expectativas sociais em relação ao envelhecer em nossa sociedade e, por outro, de evidenciar o envelhecimento simultaneamente como processo heterogêneo e objeto de singularidade.

Atualmente, sob os avanços e recuos representados pelos padrões impostos à velhice, a relação com o corpo e a sexualidade dos velhos ainda permanece à margem, raramente retratada com fidedignidade na mídia e muitas vezes censurada pelos veículos de comunicação de massa. Uma das contribuições do filme, ao exibir uma história cujo enredo se desenrola no cotidiano, é provocar no público uma reflexão sobre sujeitos e modos de vida que, mesmo com visibilidade social restrita, possuem desejos, afetos e comportamentos nem sempre previsíveis pela moral vigente.

Embora hoje o corpo e o sujeito ostentem uma relação efêmera, adequando a aparência às tarefas e façanhas do mundo vivido, o filme *Nuvem Nove* nos mostra que tais parâmetros não são suficientes para qualificar os modos de vida cotidianos dos mais velhos nem descrever os fluxos imponderáveis que os atravessam. Uma ideia importante veiculada pelo longa metragem é de que a vida cotidiana nem sempre está de acordo com o ideário do corpo perfeito, cuja

crueldade pode aniquilar a possibilidade de prazer e do encontro erótico e amoroso em qualquer idade.

Se o corpo é produto de transformações estéticas, culturais e políticas, a dimensionalidade do seu legado também recria potencialidades nas experiências sensíveis, sobretudo no encontro afetivo que reproduz a relação dos indivíduos com o próprio corpo. Logo, tanto a fusão entre corpo e sexo remete à conformidade e obsolescência da vida social, quanto pode tornar o encontro amoroso capaz de extrair a máxima potencialidade dos corpos, seja entre jovens ou mais velhos.

Referências

ALGUÉM tem que ceder. Direção de Nancy Meyers. Estados Unidos: Warner Home- Amz, 2004. 1 DVD (129 min), color.

ALVES, M. A. Gerações em perspectiva: os sentidos da sexualidade feminina na velhice e na vida adulta. In: GOLDENBERG, M. (org). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

AMOR. Direção de Michael Haneke. Áustria: Imovision Tag, 2012. 1 DVD (127 min), color.

BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. Qual o lugar da imagem na pesquisa antropológica? In: _____. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BELO, I. Do corpo à alma: O disciplinamento da velhice. In: LORGHI, M.; ALMEIDA, M. C. L. (org.). **Etapas da vida: jovens e idosos na contemporaneidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011. (Coleção Família e Gênero,15).

CINECERO. **Llamémosle 'autenticidad'**: Entrevista a Andreas Dresen. Segunda parte. [S.l., 2013]. Disponível em: <<http://cinecero.blogspot.com.br/2013/03/llamemosle-autenticidad-entrevista.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.12, n. 34, p. 39-56, fev.1997.

DEBERT, G. G; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.

E SE VIVÊSSEMOS todos juntos? Direção de Stéphane Robelin. França: Imovision Tag, 2011. 1 DVD (96 min), color.

FONTES, M. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas deficiências corporais. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MOTTA, A. B. da. Palavras e convivência. Idosos hoje. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 71-88, jan.- abr. 1997.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.13, p. 191-221, 2000. Semestral.

_____. As velhas também. **Revista Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n.23, p. 13-21, 2011. Semestral.

NUNCA é tarde demais para amar. Direção de Andreas Dresen. Alemanha: Leopardo Filmes, 2008. 1 DVD (98 min), color.

RODRIGUES, J. C. Corpo ou corpos? In: _____. **O tabu do corpo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Coleção Antropologia e Saúde).

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 83-114, 2012. Quadrimestral.

Recebido em maio de 2013.

Aprovado em maio de 2014.

